LINHA DE FUGA

RESIDÊNCIAS

CONTRA TEMPO



Souvenir

Tiago Cadete

4 mar → 22 mar 2026

Vila Franca *Arazede*
Coimbra

Souvenir

Créditos

Criação Tiago Cadete
Participação especial em vídeo Catarina Vieira | Diana Cadete | Dinis Cadete | Henrique Ponte | João Jonas | Mariana Magalhães | Miguel Dinis | Miguel Ponte | Nelson Sousa | Pedro Monteiro | Tomás Ponte
Apoio à dramaturgia Leonor Cabral | David Marques
Participação em voz off Arlindo Gaspar | Eduardo Correia | Fernanda Lourenço | Fernando Santos | José Farinha | Luísa Marques | Noémia Catarino | Otília Rodrigues | Ricardina Ricardo | Vitória Horta | entre outras
Câmara Afonso Sousa | Tiago Cadete | Leonor Cabral
Assistente câmara Francisco Fidalgo
Assistente som Lurdes Osswald
Figurinos Carlota Lagido
Produtora Daniela Leitão
Olhar exterior no CAMPUS PCS Patrícia Portela
Produção Co-pacabana
Co-Produção Projecto vencedor Bolsa Matriz 2026 - Teatro Cine Torres Vedras | Fórum Cultural José Manuel Figueiredo - Câmara Municipal da Moita | Temps d'images
Co-Produção em Residência O Espaço do Tempo
Residências Mala Voadora - Porto | CAMPUS - Paulo Cunha e Silva - Porto | Casa Varela - Pombal | CAPa, Centro de Artes Performativas do Algarve - Faro | Teatro da Voz- Lisboa | Olga Roriz - Lisboa | Linha de Fuga.
Apoio Câmara Municipal de Torres Vedras
Projecto financiado por República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto I DGARTES – Direção-Geral das Artes

Tiago Cadete Artista em Residência Contra|o|Tempo



Sobre o projeto e a residência em Coimbra

Entre silêncios e memórias - uma viagem pela experiência emigrante

O projeto Souvenir nasce como continuidade de um percurso artístico centrado em questões de história, memória, identidade e migração. Ao longo dos últimos anos, Tiago tem vindo a explorar estes temas a partir de diferentes perspetivas, inicialmente com um foco mais académico e geográfico, sobretudo entre Portugal e Brasil, que mais tarde se expandiu para uma dimensão mais ampla, incluindo experiências emigratórias latino-americanas.

Neste novo trabalho, dá-se uma viragem significativa: o ponto de partida deixa de ser apenas o outro e passa a integrar uma dimensão autobiográfica. Não tanto por abandono do tema, mas por uma espécie de saturação: depois de anos a trabalhar sobre migração torna-se difícil encontrar um novo ponto de vista sem repetir estratégias anteriores. Surge então uma necessidade de reposicionamento, de questionar o próprio lugar enquanto autor e a forma como se aproxima destas histórias. É nesse movimento que o projeto se recentra.

A migração deixa de ser apenas um campo coletivo e passa a ser também uma questão íntima. Tiago regressa à sua própria história familiar, muito particularmente ao lado paterno, onde a experiência emigratória é recorrente. Não como uma descoberta recente, mas como algo que sempre esteve presente e que, de alguma forma, nunca tinha sido verdadeiramente trabalhado. A morte do pai é o momento que torna esse movimento inevitável.

A partir daí, o projeto ganha uma outra densidade. Não se trata apenas de compreender uma trajetória emigratória, mas de confrontar um conjunto de silêncios acumulados. Entre pai e filho, muitas destas histórias nunca foram partilhadas, e esse silêncio, mais do que a própria emigração, torna-se o verdadeiro núcleo do trabalho. O que começa como uma investigação sobre deslocações transforma-se progressivamente numa tentativa de perceber por que razão certas histórias não são ditas, ou não encontram espaço para existir.

A estrutura do projeto reflete essa tensão entre escalas. Por um lado, existe uma dimensão mais ampla, construída a partir de entrevistas com emigrantes portugueses, sobretudo aqueles que partiram para França nas décadas de 1960 e 1970. Corresponde a um período marcado por condições económicas difíceis, pela guerra colonial e pelo contexto político do Estado Novo, ainda que este último raramente seja nomeado diretamente nos testemunhos, onde predominam referências à necessidade económica e à família. Por outro lado, há uma dimensão profundamente pessoal, onde Tiago se coloca dentro da narrativa. Já não como alguém que organiza vozes, mas como alguém implicado na história que tenta compreender.

O vídeo tem um papel central, constituindo grande parte da estrutura, mas é atravessado por uma narração em tempo real, que atualiza e reconfigura o que é visto. Ao contrário de trabalhos anteriores, Tiago inscreve-se diretamente na imagem, reforçando essa dimensão autobiográfica e performativa.

Paralelamente, desenvolve-se o Arquivo Souvenir, um conjunto de excertos editados das entrevistas, disponibilizados em formato áudio. Este arquivo prolonga o tempo da obra, permitindo uma escuta mais demorada das vozes recolhidas e contrariando, de certa forma, a efemeridade da performance.

Souvenir constrói-se, assim, em camadas: entre o coletivo e o íntimo, entre o documento e a memória, entre o que é dito e o que permanece por dizer. Não procura fechar uma narrativa, mas antes abrir um espaço de escuta e de questionamento, onde o passado não surge como algo distante, mas como algo que continua a reverberar no presente.

Em Vila Franca e Coimbra

Tiago Cadete esteve em residência em Vila Franca e Coimbra entre 4 e 22 de Março de 2026. A sua residência incluiu uma abertura de processo no âmbito do Festival End e uma oficina de práticas artísticas.

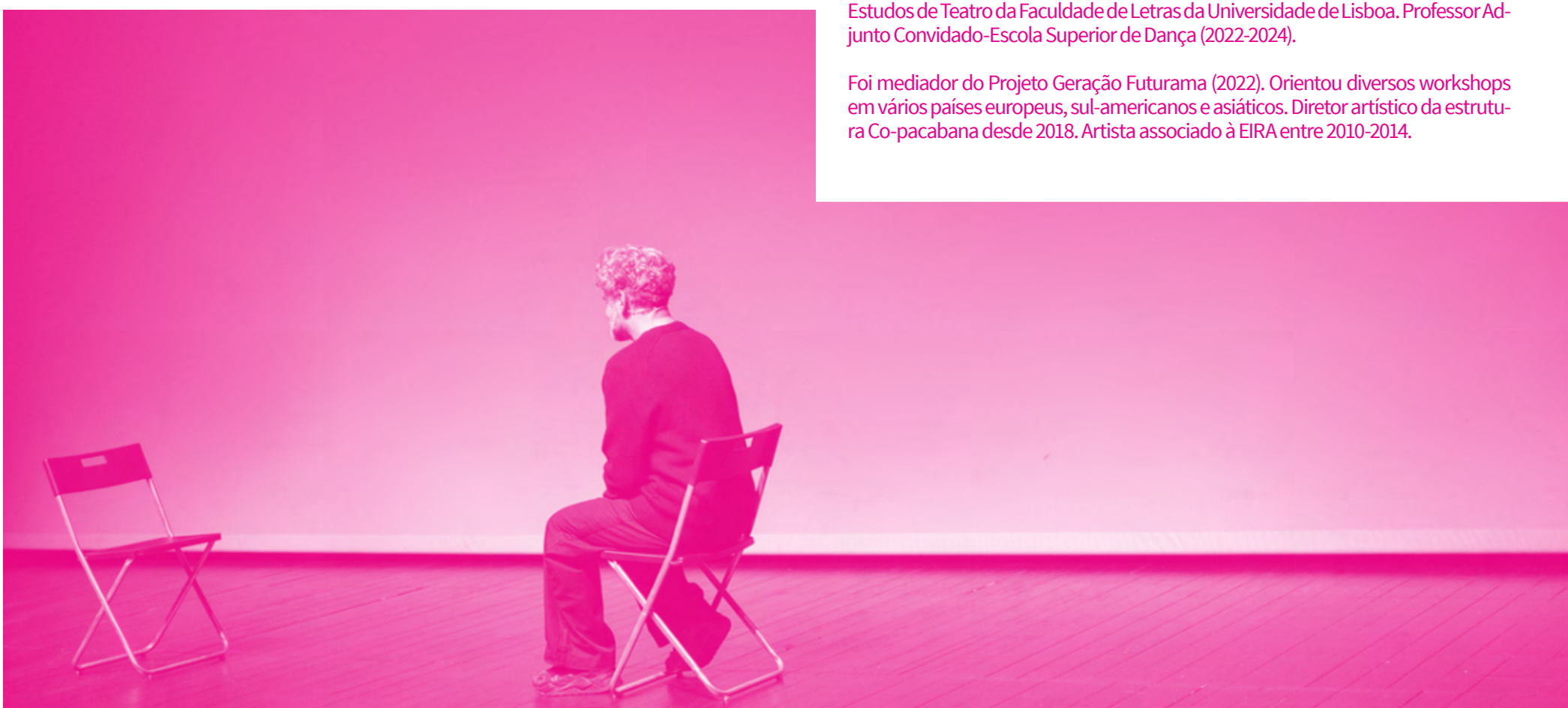
A residência artística em Vila Franca e Coimbra, correspondeu a uma fase avançada do projeto, marcada sobretudo pela finalização e afinação. Ao contrário de uma etapa inicial de experimentação, este período de residência foi dedicado ao aprofundamento da dramaturgia, à edição de vídeo e à consolidação da relação entre imagem e texto.

Um dos focos principais foi a escrita e estruturação do guião, em colaboração com David Marques, num processo em que pequenas alterações tiveram impacto significativo no sentido global da obra. Foi também durante esta residên-

cia que se redefiniu a cena final, passando de um momento inicialmente silencioso para um momento de fala ao vivo, reforçando a dimensão performativa e o encontro direto com o público.

A região de Coimbra revelou-se ainda um contexto fundamental para o desenvolvimento do arquivo do projeto. Tiago continuou a realizar entrevistas, conseguindo integrar vários testemunhos da região que enriqueceram o conjunto de narrativas. Estas entrevistas, focadas sobretudo nas experiências emigratórias para França nas décadas de 60 e 70, trouxeram especificidade histórica e humana ao trabalho, destacando histórias marcadas por condições económicas difíceis, estratégias de sobrevivência familiar e trajetórias muitas vezes invisibilizadas.

A residência permitiu também um tempo de escuta intensiva e de construção do Arquivo Souvenir, permitindo revisitar os testemunhos, editá-los e disponibilizá-los ao público. Esse processo revelou padrões e repetições entre histórias individuais, reforçando a ideia de uma memória coletiva.



Tiago Cadete

Doutor em artes PPGAV-UFRJ. Licenciado em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Tem o curso Aprofundamento: Criação Artística Escola de Artes Visuais Parque Lage. Realizou workshops e masterclass com Romeo Castellucci; João Fiadeiro; João Mota; Alfredo Martins; Gustavo Ciríaco, Fernanda Eugénio, entre outros. Criou os espetáculos: MONUMENTO (2025); MANJAR (2023); CONCERTO (2023); BRASA (2021); ATLÂNTICO (2020); FIUME (2020); CICERONE (2020); ENTREVISTAS (2018); ALLA PRIMA (2016); GOLDEN (2014); HIGHLIGHT (2011). Colaborou com Solange Freitas em CORTEJO (2022); com David Marques em APAGÃO (2017) e CRITIQUE (2020); com Solange Freitas e Catarina Vieira em FESTIM (2012) Entre 2011 e 2013 colaborou com Raquel André tendo criado: TURBO_LENTO (2013); LAST (2012) e NO DIGITAL (2011). Colaborou com o Serviço Educativo da Culturgest. Criou todas as cenografias das suas criações e paralelamente dos artistas Gaya de Medeiros, David Marques, Leonor Cabral, entre outros. Investigador no Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professor Adjunto Convidado-Escola Superior de Dança (2022-2024).

Foi mediador do Projeto Geração Futurama (2022). Orientou diversos workshops em vários países europeus, sul-americanos e asiáticos. Diretor artístico da estrutura Co-pacabana desde 2018. Artista associado à EIRA entre 2010-2014.

Sobre a prática artística

O material, a pergunta, a redução e a escuta

Para Tiago, as práticas não são uma metodologia fixa. São antes formas de fazer que se vão acumulando e aprimorando ao longo do tempo e que podem acompanhá-lo de trabalho para trabalho. Uma das mais importantes é questionar o material com que se está a trabalhar.

Esse material pode ser um arquivo que já existe, como o arquivo fotográfico do pai usado em Souvenir, mas também pode ser um arquivo que ele próprio constrói, um lugar, uma imagem, um conjunto de documentos ou até um tema mais amplo. O ponto de partida não é necessariamente específico. Pode ser uma coleção de fotografias, os sismos que aconteceram em Portugal, um conjunto de músicas. A partir daí começa um processo de observação e de experimentação: olhar para o material de diferentes perspetivas, fazer perguntas formais, temporais ou pessoais, criar textos, áudios, desenhos, vídeos.

O que interessa é ir desdobrando esse material e, ao mesmo tempo, ir reduzindo-o, partindo do macro para encontrar uma coisa mais específica. Não é necessário mostrar o todo para falar sobre o todo, às vezes, é precisamente na redução que aparece aquilo que realmente importa.

Neste procedimento "limpar para revelar", existe a ideia de que o trabalho já está, de alguma forma, presente no material inicial e que uma parte do processo consiste em retirar aquilo que o esconde. Perguntar, experimentar, acrescentar, retirar, voltar a perguntar. Algumas possibilidades vão sendo fechadas enquanto outras se tornam mais fortes.

Mas questionar não significa procurar uma resposta definitiva. A dúvida é parte do próprio trabalho. O artista questiona também as suas próprias práticas: se está a repetir demasiado uma determinada forma, se a voz continua a fazer sentido, se está a criar um estilo ou simplesmente a seguir uma obsessão que o acompanha. Para ele, um estilo não precisa de ser construído à força. Pode surgir da repetição de determinadas preocupações e da forma particular como cada pessoa olha e recorta o mundo.

Outra prática essencial é a escuta. Sobretudo quando trabalha com pessoas, interessa-lhe criar situações de conversa em que possa falar menos e ouvir mais. Uma pergunta pode ser suficiente para que alguém comece a desenvolver uma história que talvez nunca tenha contado daquela forma. A conversa torna-se então material, mas também um espaço de relação e de responsabilidade. O que se escuta, o que se utiliza e a forma como essas vozes entram no trabalho são questões que fazem parte do próprio processo.

No fundo, há uma prática que atravessa todas as outras: perguntar. Perguntar ao material, às imagens, aos arquivos, às pessoas e ao próprio trabalho. É através dessas perguntas que o artista vai encontrando o caminho da obra. E talvez seja também aí que o espectador entra: não para receber uma resposta fechada, mas para encontrar as suas próprias perguntas dentro daquilo que vê.



Prática para Partilhar

O método passa por várias etapas

Limpar para revelar

A prática central baseia-se numa relação ativa com o arquivo (*existente ou criado*), entendendo-o como ponto de partida para criação artística. Essa prática pode ser resumida como um processo de "limpar e revelar".

1 **Partir de um conjunto amplo (macro)**
um arquivo, coleção ou tema geral
exemplo fotografias, histórias, dados

2 **Observar e questionar o material**
fazer perguntas constantes sobre forma, conteúdo, contexto e relações internas

3 **Experimentar transformações**
criar novos materiais a partir do original: textos, áudios, vídeos, desenhos

4 **Desmembrar e reduzir**
passar do todo para elementos específicos, afunilando o foco

5 **Eliminar o excesso**
retirar camadas até revelar o que é essencial (ideia próxima da escultura: a forma já existe, é preciso remover o que a esconde)

6 **Construir sentido dra matúrgico**
organizar o material de forma coerente, sem perder abertura interpretativa

Esta prática pode ser aplicada a qualquer área criativa, não apenas ao trabalho com arquivos, sendo essencialmente um exercício contínuo de questionar, reduzir e revelar o essencial.

Além disso, há outras dimensões importantes da prática

Escuta ativa (especialmente em entrevisas, com mínima intervenção)

Valorização do processo de questionamento mais do que respostas fechadas

Criação de obras que deixam espaço para o espetador participar e interpretar

Equilíbrio entre intuição e reflexão crítica

Referências

Jean Baudrillard Simulacros e simulação | *1981* |
Hein de Haas Como funciona realmente a migração? | *2023* |
Didier Eribon Retour à Reims | *2009* |
Édouard Louis Histoire de la violence | *2016* |
Édouard Louis Qui a tué mon père | *2018* |
Victor Pereira A ditadura de Salazar e a emigração: O Estado português e os seus emigrantes em França (1957–1974) | *2012* |

Livros e Ensaios



Filmes

João Mendes Lobos da serra | *1942* |
Paulo Rocha Mudar de Vida | *1966* |
Christian de Chalonge O Salto | *1967* |
Música de **Luís Cília**

Séries e Televisão

Nathan Fielder The Rehearsal
| Série de televisão | *2022 -* |
Ei-los que partem Ep. 4/5
A sangria da pátria
| Série documental | *2006* |



Arquivo audiovisual

Institut national de l'audiovisuel
Des bidonvilles aux HLM à Paris
| Arquivo audiovisual | *sem data*





Emigrar faz parte da nossa história

Dia 18 de Março, no Centro Cultural Penedo da Saudade, decorreu esta conversa com a participação de Tiago Cadete, artista em residência, e a investigadora Joana Sousa Ribeiro.

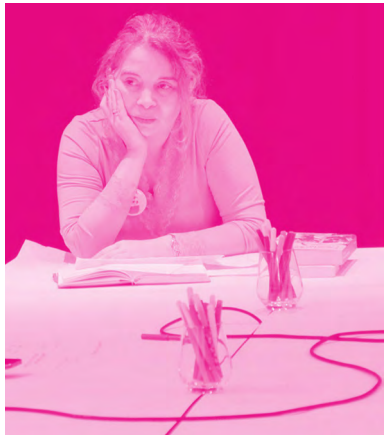
A sessão foi transmitida em streaming e pode ser vista aqui

Mote para abrir a conversa

Os processos migratórios contemporâneos raramente se relacionam com os processos migratórios do passado, gerando por vezes a sensação de que hoje vivemos uma movimentação acentuada de migrantes sem precedentes.

Contudo, quando ampliamos o espectro dos dados migratórios mundiais notamos que estamos longe do maior momento de migração internacional. Nos anos 1960 e 1970, muitos portugueses deixaram o país de forma clandestina, atravessando a Espanha a pé ou em veículos improvisados, para escapar à vigilância do regime e buscar melhores condições de vida na França. Eles encontraram oportunidades de trabalho na construção civil, indústria e setor agrícola francês, apesar de muitas vezes enfrentarem condições precárias.

Tiago Cadete abriu a sua investigação artística e falou com Joana Sousa Ribeiro (investigadora do CES) contrapondo formas de pesquisa e como tornar visível este tema.



Joana Sousa Ribeiro

É investigadora do Centro de Estudos Sociais (*Linha Europa e o Sul Global: Patrimónios e Diálogos*) e doutoranda em Sociologia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

A sua tese analisa processos de desqualificação e requalificação profissional de migrantes no sector da saúde. Investiga mobilidade socioprofissional, políticas de admissão e inclusão, migração e saúde, estudos longitudinais e interculturais e cidadania. Coorganizou (2021) Material Politics of Citizenship (Routledge) e co-coordena o ITM do CES.

«Conversas com a Academia» é uma iniciativa de Linha de Fuga que, desde 2021, promove um diálogo entre investigações académicas e artísticas, em colaboração com o Observatório Masculinidades do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Anseios sobre ensaio de *Souvenir*

I Um remoer de caminhos traçados pelos próprios pés migrantes como gesto/dispositivo capaz de compor o passado do pai, até então nunca antes tocado. No plano geral, a emigração de portugueses para a França entre as décadas de 1960 e 1970. No plano real, a História apenas como a ponta de um novelo que se desenrola e volta a se enrolar em sucessivos movimentos como uma cobra a tentar apanhar, incansavelmente, a própria cauda. No plano minucioso, uma peça sobre ausências e silêncios preenchidos por inúmeras histórias alheias e, se bem ouvidas, tão semelhantes.

II A falha de comunicação familiar - um filho que pouco sabe do pai que pouco sabe do filho - resulta na falha exposta na construção da autoficção: Tiago a tentar encontrar atores que se pareçam com Tiago para que seja possível que Tiago, finalmente, converse consigo mesmo a encarnar o próprio pai. Às diversas tentativas unem-se os subsequentes fracassos na operação e o espectador, com boa dose de humor, é levado a rir e refletir com lances de uma clássica epifania: essa poderia ser também a minha história.

III As ausências da vida preenchidas pela ficção. Ou a ficção construída pelas ausências da vida. A história da família revirada como quem escava os próprios vestígios e faz deles matéria prima para a OBRA-VIDA. Uma conversa nunca acontecida. E não é assim que é? Palavras não ditas o tempo trata como a flores. O artista, entretanto, pega no abismo e sai dançando: apanha os silêncios e, de fragmento em fragmento, tece a fina linha (quase invisível) que costura vida à ficção.

IV Saio de «Souvenir» inundada com meus próprios silêncios e aqueles de meu pai e dos silêncios de meus amigos e deles com seus pais e dos silêncios migrantes

V São tantos os silêncios, gritam tão alto, gritam silêncios:
SILÊNCIOS, SILÊNCIOS
ecoam tão longe
SILÊNCIO SILÊNCIO

palavra tão estranha
SILÊNCIO

www.linhadefuga.pt



Entrevista Catarina Saraiva
Edição de Textos Marta Rodrigues
Ensaio Crítico Keissy Carvelli
Design gráfico e Diagramação So Dias
Fotografia João Duarte | Paulo Abrantes

Iniciativa
LINHA DE FUGA

Estrutura financiada por
REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO
dg'ARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

Co-produção
Residências Contra|o|Tempo
Teatrão

Parceiros
END

Apoios
INATEL FUNDAÇÃO
Centro Cultural Penedo da Saudade
Politécnico de Coimbra
LUFAPO HUB

Media partner
RUC